



Criações e Métodos na pesquisa em Educação

*Verônica Domingues Almeida
Maria Roseli Gomes Brito de Sá
Paola Zordan*
(Organizadoras)



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

© Dos Autores - 2020

Editoração e capa:

Fabiano Neu

Arte da capa:

Paola Zordan

Conselho Editorial (Nota Azul)

Deisimer Gorczewski (UFC)

Denise Espírito Santo da Silva (UERJ)

Galvanda Queiroz Galvão (UFPA)

João Anzanello Carrascoza (USP)

Manoel Ricardo de Lima Neto UFRJ

Sabina Anzuategui (Faculdade Cásper Líbero)

Silvio Ferraz Mello Filho (USP)

Simone Zanon Moschen (UFRGS)

Tiago Almeida (Escola Superior de Educação de Lisboa do IPL, ESELx)

Editores:

Luciano Bedin da Costa

Anna Letícia Ventre

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C928

Criações e métodos na pesquisa em educação / Verônica Domingues Almeida, Maria Roseli Gomes Brito de Sá, Paola Zordan (organizadoras). – Porto Alegre : UFRGS / Nota Azul, 2020.
427 p. , 1 livro digital; il.

ISBN: 9786586232929

1. Pesquisa em educação. 2. Metodologia da pesquisa.
I. Almeida, Verônica Domingues. II. Sá, Maria Roseli Gomes Brito de. III. Zordan, Paola.

CDU 37.012

Bibliotecária: Evelin Cotta CRB-10/1563

Apresentação



CRIAÇÕES, HERMENÊUTICA E POÉTICAS PARA PENSAR O DESENHO DOS MÉTODOS

Paola Zordan

Verônica Domingues Almeida

Maria Roseli Gomes Brito de Sá

O debate em torno da produção científica tem como um de seus principais focos a questão dos métodos. Especialmente nas Ciências Humanas, pensar metodologias, procedimentos, formas de análises e de compreensão de fenômenos é uma ocupação constante. A área da Educação, em sua pluralidade, possui uma densa gama de referências sobre diversas perspectivas de investigação que tendem a sugerir formas específicas de produção do conhecimento. Todavia, para além dos caminhos já desvelados por outros estudiosos, pesquisadores têm se desafiado a criar suas próprias maneiras de pesquisar, sem excluir, nesses percursos, o rigor necessário à qualificação do que se produz dentro de um campo cujos saberes são maleáveis.

Em qualquer um de seus âmbitos, uma pesquisa requer métodos e todo método, enquanto operação de pensamento, não se aparta de uma filosofia. No campo ampliado da Educação, em sua transversalidade com outros campos de saberes como as Artes e as Ciências, tratar de metodologias é pensar o que vem a ser o conhecimento, bem como a própria constituição dos planos conceituais implicados na existência do mesmo. Pesquisar demanda criar um traçado no qual as problemáti-

cas de uma dada matéria, da existência e de realidades a se investigar tornam-se visíveis. Por via da pesquisa, temos a descoberta do novo através de diferentes procedimentos de análise, de múltiplas perspectivas de investigação, da inquirição de problemas efetivos e buscas diligentes em torno de fatos, objetos, campos ou outro elemento de interesse. Os métodos funcionam como uma espécie de enquadramento que recorta o possível de se abarcar numa pesquisa, seja essa em torno de um objeto, de um acontecimento ou de um campo investigativo. O que uma pesquisa enquadra, no entanto, não a delimita. Há uma gama enorme de possibilidades para se desenhar esquemas que mostrem com quais ferramentas teóricas e perspectivas de análise um projeto de pesquisa pode ser traçado, indicando quais temas e assuntos se organizam de modo a melhor serem colocados no campo de estudo.

Quando nos referimos à Educação, enquanto área de conhecimento na chave das Ciências Humanas, temos um conglomerado de saberes que envolvem a Educação Básica em todos os seus níveis, a Universidade e seu tripé Pesquisa, Ensino e Extensão, a formação discente e docente, a construção de conhecimentos, as políticas públicas, o currículo, a didática e as metodologias, entre tantos outros campos e seus fenômenos. De modo ampliado, a Educação é um grande agenciamento que comporta quase tudo¹: meios de adequação coletiva, modos de se conduzir socialmente, hábitos cotidianos, gestão dos espa-

1. No início do século XXI, a maior emissora de televisão brasileira, a Rede Globo, veiculou uma campanha da Fundação Roberto Marinho, cujo slogan foi “Educação é tudo”. Grande conglomerado, o Grupo Globo possui essa fundação filantrópica, a qual se ocupa com projetos voltados para a comunidade e cujas ações e resultados são amplamente veiculados pelos meios de comunicação.

ços, conceitos de sujeito e de cidadania, formação de profissionais, currículo e suas mil facetas, as mais variadas disciplinas do conhecimento, métodos e mais métodos pedagógicos, as demandas de mercado, o governo das populações, o monitoramento de indivíduos, a definição de identidades, os *slogans* da indústria cultural, os problemas da linguagem e do discurso, a aquisição de códigos coletivos e seus múltiplos regimes semióticos, a circulação global de informações, a diversidade de manifestações apresentadas pelas mais variadas culturas e as infinitas relações entre as linhas e os planos do pensamento. Pesquisas em Educação, em seus deslocamentos e variações, são o gatilho do que aqui se apresenta.

O presente livro, assumidamente mestiço, fruto de encontros de pesquisadores que transitam entre a Bahia e o Rio Grande do Sul (Brasil), procura fazer uma amostragem de pesquisas de âmbito multirreferencial, entre perspectivas variadas: a hermenêutica, as abordagens sistêmicas, a filosofia da diferença e o pensamento nômade que se expressa nas cartografias esquizoanalíticas. Trata-se de mostrar como, em suas singularidades, se desenham métodos em pesquisas da área de Educação produzidas em Universidades públicas. A fusão das organizadoras acontece desde uma discussão metodológica em torno da escrita de uma tese que investigava manifestações de docentes em uma rede social. O diálogo entre diferentes perspectivas, a que interpreta e a que desconstrói a interpretação, se fundem em um novo atravessamento epistemológico, aglutinador, o qual resulta, entre outras produções, no presente conjunto textual.

Na obra há uma aceitação de olhares distintos, por vezes controversos, que afirmam a ampliação de horizontes me-

metodológicos a partir de fissuras e aproximações as quais potencializam a criação. Também, habita a compreensão de que independentemente da perspectiva, o que se escolhe e o que se dispensa no desenvolvimento de uma pesquisa entrelaça sentimentos e razões. Desse modo, distinguir conceitos e paradigmas é necessário para que pontos de vista sejam situados, porém, considera-se que as distinções topológicas, balizas de campos teóricos, são apenas funcionais, não substância dos constructos das pesquisas. Trata-se do que defendemos como multiplicidade, abertura de sentidos e significações e como *amor* (Almeida, 2017), amor ao destino (Zordan; Souza, 2020), força que se faz valer na formação, na profissão docente, na vida magisterial e nas ascensões demandadas pela pesquisa. Assim, nas fricções, nem sempre mansas, entre *Ratio* e *Sensum*, os caminhos investigativos pressupõem um Método, ou seja, *meta+ hodós*, baliza e caminho.

O sociólogo estadunidense Howard Becker há muito defende que os estudiosos “deveriam se sentir livres para inventar métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo” (Becker, 2007, p. 13). Para Sandra Corazza, filósofa brasileira dos estudos pós-críticos de currículo, a invenção do método, o saber de um método, uma *metodologia*, “faz-se e consolida-se em operações efetivas, que o vão criando à medida que se produzem” (Corazza, 2020, p.15). Aqui, diversos textos de caráter metodológico se apresentam como desejo caleidoscópico de produções cujos distintos estilos de escrita e modos de expressão vêm compor numa só imagem. Vislumbramos, neste giro de um dispositivo que agrega pedaços na replicação do espelho, a utopia de uma unidade, mesmo que

provisória, sempre giratória, cujo desenho nunca se replica. “Seus próprios movimentos constituem um saber, derivado da experimentação, do ensaio e da problematização do próprio pensar, do viver e do mundo” (Corazza, 2020, p.15), já que os métodos, enquanto processos a serem inventados a fim de que se enquadrem as matérias de investigação, escrita e pesquisa, se fazem valer de muitos recortes. Entre tantos pedaços e realidades, estado de coisas e conceitos pesquisados, o caleidoscópio cria a ilusão de uma imagem coesa. Nessa miragem tal coesão é apenas contingente, pois como nos ensina o legado de estudos entre Arte, Loucura e Psicologia Social da professora e pesquisadora Tania Mara Galli Fonseca, essa imagem passa a ser compreendida como plano heterogêneo de afectos, múltiplo, o qual conecta forças e formas em um método sempre em vias de se fazer (Fonseca et. al., 2010).

De qualquer modo, o método para composição do conjunto de ensaios metodológicos apresentado aqui, constitui-se como a bricolagem móvel do que se dispõe como caleidoscópio, cujo traçado exige um olhar entre três lâminas de espelhos, ou seja, a tripartição das pesquisadoras que a organizam. A bricolagem enquanto procedimento construtivo/desconstrutivo permite uma composição formativa social que apresenta questionamentos e partes de realidades diversas. Enquanto método compositivo, que emerge nas experimentações artísticas do século XX, potencializa inúmeras questões abertas, as quais desacomodam o pensamento e não precisam, necessariamente, ser respondidas. Como método sugerido pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (1976), com a intenção de reunir elementos para uma análise estruturalista, a bricolagem, ao sugerir a reunião

artesanal não só de fatos, mas de informações, de pedaços, de cacos, foi gradativamente apropriada em suas múltiplas traduções no âmbito dos métodos de pesquisa como algo mais do que uma possibilidade epistêmica que permite misturas metodológicas, mesmo que apresente um tipo de procedimento sem passos pré-estabelecidos, implica uma imersão intensa na superfície que investiga. Aqui, entendemos que implica a caleidoscopia de uma visão que unifica dados, experiências e partes de matérias e conceitos que podem ser totalmente díspares numa compreensão comum via elaboração textual dos fatos e fenômenos estudados. Em termos visuais, as bricolagens trazem recortes, quinquilharias, pedaços, cacos, mostrando o potencial das montagens no que se apresenta nisto que tomamos como disposição caleidoscópica, numa produção de imagens moventes as quais nossa junção e trocas interinstitucionais buscam, no presente conjunto textual, potencializar.

Embora não se descarte a ciência e situadas no campo da Educação, é a pesquisa em Artes e sobre Arte, com aplicação e estudo de seus procedimentos, tal como a bricolagem e suas diferentes metodologias, que nos dá a miragem experimental, agregadora, que permite o tratamento conceitual dos métodos a partir da singularidade de cada pesquisador. Experiências, teorizações, planos conceituais e revisões de literatura se intercalam na criação de panoramas de pesquisa que envolvem paradigmas historiográficos, acepções filosóficas, experiências em sala de aula, combates por princípios democráticos, defesas de grupos identitários e movimentações artísticas. Os métodos são pensados como imagem e suas inumeráveis combinações, a fim de seja possível visualizarmos os movimentos

entre distintas perspectivas paradigmáticas. Como escrevem Claudia Madruga Cunha e Fernanda Frazão em um dos textos que compõem este conjunto, trata-se de uma *mirada cartográfica*, que apresenta movimentos, de algum modo, rizomáticos. Ainda que o presente livro não se filie ou seja depositário da obra conjunta dos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, que se apropriam da imagem do rizoma para tratar de problemas conceituais, sociais e psíquicos, entendemos que a criação de métodos, de novas metodologias de pesquisa e de experimentações metodológicas envolve dinâmicas nunca lineares, sem um ponto central, mesmo quando o traçado conceitual envolve agenciamentos centralizados, triádicos ou sistematizados. O conceito de rizoma aparece para demonstrar que não há um método “correto”, “verdadeiro”, “definitivo”, “axial”. Trata-se do método “como a singularidade ímpar de um Método de Criação, que não busca garantias analíticas ou sintéticas no modelo matemático, nem nas regras da lógica formal, tampouco no conhecimento da Verdade filosófica (*alétheia*)” (Corazza, 2020, p.14).

Métodos, maneiras, modos de pesquisar, tipos de pesquisa, aqui são pensados como criações que aglomeram partes, que permitem o estudo, a análise e a investigação tanto das partículas distintas como dos efeitos que temos da visão de um todo. Métodos, suas contraposições e sobreposições, possibilitam relações entre superfícies e formas que envolvem: levantamento de temas; escolhas bibliográficas; aportes conceituais; ferramentas teóricas; delimitação de critérios; extrações de conteúdos. Práticas metodológicas se interpenetram nos temas investigados, os temas definem os problemas de pesquisa,

os conceitos são imanentes aos métodos e às maneiras que tomamos ao pesquisar. Frente a temas-problemas, questões de vida, pois o que se pesquisa é o que se vive, o que resulta é sempre um desenho outro, que nunca repetirá o que se vislumbra. Ao se tentar reproduzir a imagem provisória obtida ao espiar o caleidoscópio, criamos outra imagem, nunca a mesma. Cada peça desenhada faz parte daquela composição que apresentamos como resultado delineado. Aleatórias ou cuidadosamente escolhidas, a forma de cada peça que uma pesquisa traça, desenha, extrai daquilo que enquadrou, sejam estas formas volumétricas, simples, superfícies, glifos ou traços prenhes de significações. Toda e qualquer parte da pesquisa envolve, desde sua gênese, listagem de interesses; inventário de incidências, contagem de vivências e a apresentação argutiva de um problema a fim de que a matéria, que seu procedimento enquadrou, se apresente fora de suas próprias operações.

A junção de fragmentos atravessa a continuidade de suas superfícies, volumes e edificações numa lógica que não faz parte das múltiplas unidades relacionadas nas linhas que a pesquisa cria como resultado. Organizamos a matéria investigada em eixos, blocos ou linhas a fim de que possamos nos acercar, com alguma concretude, de conceitos demasiado abstratos. Há uma performatividade nos métodos, a qual ancora as abstrações conceituais que o pensamento, em sua movimentação, nos leva. Mesmo nos procedimentos adversos ao processo compositivo cru, tais como pintura, escultura monolítica e arquitetura estrutural, os fragmentos do que se pesquisa podem ser pensados como pinceladas, estacadas e montagens estruturais. Não se trata de definir, exatamente, o que caracteriza a construção de

um saber, um método de pesquisa, o quanto os procedimentos que os descrevem são formuláveis. Métodos não são fórmulas, mesmo quando abstraídos em formulações esquemáticas, como o simples exemplo do enquadramento e do recorte. Um método não é uma proposta, ainda que toda proposta precise de um método para ser realizada. Pensar métodos a partir dos modelos epistêmicos da Arte viabiliza interlocuções entre teorias incompatíveis em seus princípios, teorizações e categorias, em especial o estruturalismo e as desconstruções pós-críticas.

Este livro concebe que não há uma única perspectiva de produção intelectual. A pesquisa acadêmica científica, hoje, compreende saberes difusos, em campos de produção nem sempre rigidamente limitados. Há mais de cinquenta anos, a filósofo austríaco Paul Feyerabend (2011) promulgou a pluralidade metodológica e a diversificação de modelos teóricos para a construção de conhecimento, buscando maior interação sujeito-mundo. No que se nomeia como paradigma ético-estético (Guattari, 1998), sentimos, desde o final de século XX, os efeitos das contribuições de Feyerabend, em especial na transversalidade das operações teóricas e na imanência corpo-política-*poiésis*-conceito-sociedade. Os modelos interativos e a multiplicidade de planos de pensamento ampliam os modos de constituirmos tanto conhecimentos científicos como planos noéticos. Entende-se, assim, que a produção de uma verdade permeia processos de subjetivação, regimes discursivos e significações estratificadas, de modo que as pesquisas não mais se fixam num método universal.

Métodos que derivam do que pesquisas brasileiras assumem, a partir das interlocuções com Guattari, que esteve no Brasil nos anos oitenta do século XX, como cartografia,

se valem de traçados e linhas variadas. No campo ampliado e transdisciplinar da Educação, esses métodos não se apartam do sufixo - *grafia*, mas escapam dos métodos cartográficos estratificados nas pesquisas da Psicologia e outras áreas da Saúde, na medida que apresentam processos de singularização metodológicos. Os métodos podem ser plurais, porém, o que se cria, a cada pesquisa, a cada problematização, é singular. Desse modo, as grafias aqui apresentadas, entre outras possibilidades, são singularizações heterogêneas dentro de um campo profuso, ainda que aproximado pela criação de métodos e abordagens multirreferenciais em Educação. Sem fidelidade a determinados precursores, sem filiações teóricas rígidas, sem demarcações categóricas, sem as prescrições universalistas de métodos estabelecidos, abertas a dialogias, a fluxos desejanter, a pulsões, sentimentos e pensamentos, as metodologias deste conjunto funcionam como inventário inventante em torno do que se pensa e vive. Ainda que a falta de “pureza” presente nesse sincretismo de visões e as rupturas com métodos já replicados e estruturados possam ser tomadas como pós-estruturalistas, há um matizamento entre os modelos modernos, sistemáticos e os erráticos, não havendo exclusões e sim borramentos paradigmáticos. Por outro viés, não se ignoram as tensões e incompatibilidades; pelo contrário, essas incongruências são exploradas a partir de suas segmentaridades historiográficas, tipológicas, topológicas, as quais mostram o quanto distanciamentos noológicos possibilitam a criação de linhas inéditas, cujas tentativas de aproximação exercitam novos tipos de pensamento e conceitos que surgem para responder a demandas de vida.

Tais operações instauram o que se pretende uma educação transdisciplinar, não cerceada por áreas de conhecimento demasiadamente demarcadas. Trata-se de uma rede epistemológica nunca apartada da práxis e de seus aspectos político-ontológicos. As complexidades contemporâneas, as quais podem ser percebidas no que Guattari chama *caosmos*, movimentam linhas cujo traçado se dá via forças, intensidades, em devir. O que aqui se expõe como intensificação eclética, polilógica, produz uma imersão em campos caósmicos, cujas problemáticas demandam a criação de métodos nas pesquisas em Educação. Todas as metodologias implicam o dinamismo das utopias com as quais defendemos a mutabilidade de pontos de vista.

Bricolagem, caleidoscopia, autobiografia, mosaicos, cartografias: muitos são os nomes para os métodos contemporâneos utilizados nas pesquisas no campo da Educação. Uma dedicação às maneiras singulares de fazer ciência e pensar a pesquisa coaduna com Remi Hess (2009) quando afirma que as Ciências Humanas só estão no começo e que há muito que ser inventado para chegar à complexidade da constituição de suas formas identitárias de rigor. Apresentar múltiplas possibilidades e territórios singulares de produção do conhecimento científico é criar aberturas para a Arte, para a Filosofia, para uma poética do pesquisar e do pensar em Educação. O conceito de poética quebra os enquadramentos metodológicos, as filiações, permitindo derivas entre zonas outrora distintas. Quando pensamos a vida na escola, seus espaços de encontro e de que modo a educação e suas metodologias podem abandonar o passado em função de um possível novo tempo, pensamos, também, as pesquisas na Universidade. E

nessa profusão de pensares, transitamos nos enquadramentos e nas aberturas dessas relações por meio das dimensões *raciosensíveis* na produção de saberes.

Métodos, escolas, salas de aula, enquadram: no quadro, nas classes, nos cadernos, nos estojos. São quadriláteros que, desde as janelas, as portas, as paredes, para não dizer berços, cadeiras, quartos, nos subjetivam e estabelecem limites que cerceiam formas de ser no mundo e modos de se educar. O enquadramento pode, portanto, cercear, todavia, mesmo nesse momento que vive o mundo, assolado por uma pandemia, com as vidas enquadradas pelas telas dos monitores, confinadas, também pode permitir a criação. Toda uma urgência nos enquadra agora em telas, reproduzindo eletronicamente enquadramentos passados. Pensamos no que o passado enquadrava a fim de criar novas formas de se viver o presente. Desenquadrar a formação, os métodos, as regulações às quais a Educação, enquanto área das Ciências Humanas, se submete, implica criar um novo presente, um novo corpo, novos quadros. O que vem a ser este novo é um tempo de vida, pedagógico, não contado, não contabilizado, mas, sim, tomado como espaço para produção e propagação de conhecimentos. Tempos e espaços deixam de ser metódicos para se tornarem métodos: para respirar, para criar, para sermos corpos, para seguirmos vivendo. Necessário se faz, então, sair do pensamento estritamente metafísico e assumir aprendizagens outras: criar novos métodos.

Na Educação, a quebra paradigmática do pensamento de John Dewey, que no início do século XX privilegia a experiência concreta do sensório como base de toda aprendizagem (2010), desestabiliza, desde então, os métodos científicos das

áreas ditas “exatas” no que tange à pesquisa e constituição de conhecimentos nessa área. Logo depois, nas décadas seguintes, a obra *Education through art*, de Herbert Read, traduzida para o português tanto como “Educação através da Arte” quanto como “Educação pela Arte” (1987) dissemina, desde o contexto após a segunda guerra mundial, a possibilidade de um deslocamento entre campos epistemologicamente distintos. Os problemas educacionais, sentidos e abordados criticamente desde a segunda década do século passado, há mais de cem anos, requerem tais mudanças. Nenhum conhecimento em construção, nenhuma investigação em torno do que se aprende, prescinde de determinadas molduras, especialmente as dos modelos científicos, apropriados a matérias outras que não as filosóficas, pedagógicas, políticas e estéticas. No entanto, enquadramos e medimos a matéria investigada para balizar nossos deslocamentos, para instaurar marcos ao corpo, para que os versos se encadeiem. Desse modo, tudo tem uma finalidade, mesmo em termos poéticos. O paradigma estético, que podemos situar desde o livre pensador alemão Friedrich Nietzsche, crítico dos modelos civilizatórios do século XIX, pensa a vida como obra de arte, sendo possível tratarmos aqui da pesquisa e dos procedimentos investigativos, em suas performatividades e invenção, como poéticas. Mesmo assim, para uma pesquisa, uma obra, ser regulada, erguida a partir de alicerces, mesmo que provisoriamente, é preciso contextualizar o território onde acontece: espaço temporal e geográfico; quem povoa tais espaços, de que modo; com quais discursos; em que traçados. Aqui, apresentamos uma ampliação do espaço que se delineia en-

quanto problematização metodológica. Entre variadas e emergentes formas de pesquisar as questões inerentes ao campo da Educação, algumas compõem este livro.

A intenção de apontar uma multiplicidade de perspectivas, abrir diálogos, afirmar solidariedade intelectual e explorar múltiplos campos de investigação agrega professores de Instituições de Ensino Superior brasileiras. O princípio para esta junção é o compromisso com uma educação plural, a singularidade expressa em cada produção e a heterogeneidade de caminhos conceituais e metodológicos junto aos fenômenos educativos. Para isso, delineamos o perfil do livro a partir de dois eixos, além desta tomada que apresenta o campo problemático das metodologias junto às pesquisas em Educação e suas transversalidades: Eixo Um, *Atravessamentos entre ciência e criações metodológicas* e Eixo Dois, *Criações do fazer transversal*.

O primeiro eixo ressalta as possíveis aberturas na/da criação de procedimentos de pesquisa em Educação. Discorre sobre como o caos, a Arte, o educar transdisciplinar e a hermenêutica são possibilidades fecundas na escrita do que se pesquisa, o que resulta na criação do conhecimento científico em sua transversalidade, especialmente, de âmbito educacional, noético e estético. Os atravessamentos postos indicam que um método é criado para resolver os problemas que a matéria investigativa apresenta.

Em *Caosgrafias: quedas livres no universo do possível das pesquisas em Educação*, somos convidados a um lançamento. Ao se lançar no vazio das possibilidades da produção do conhecimento científico, no caosmo de um *corpus*, o caos material necessita de uma delimitação, ainda, já o sabemos,

que sempre provisória. Um novo método abandona dilemas, mergulha em transe *racioemocionais* e se caosgrafia. No trânsito entre diferentes fluxos que compõem os cenários das realizações humanas, Verônica Domingues Almeida, a autora da caosgrafia e uma das organizadoras desta coletânea, destaca possibilidades da criação de maneiras caóticas de produzir conhecimento científico em Educação, fazendo uma aposta na produção de afecções que promovem adesão a formas singulares de compreensão dos fenômenos que derivam em novas maneiras de produzir conhecimento.

A problemática entre a objetividade esperada pelos métodos e as forças subjetivas que envolvem os interesses de pesquisa e as escolhas daí decorrentes indicam a formulação de uma proposta criadora que se assume como posição política. A eterna biblioteca envolvida nos processos investigativos é evocada no texto *Pensar, compor e ensaiar com imagens*. Seguindo os procedimentos que o estudioso alemão Aby Warburg criou, no início do século XX, para outras maneiras de organizar livros e pensar as imagens, Débora Balzan Fleck escapa das metodologias universalistas e tradicionais da História da Arte. Este texto mostra como é possível pensar a imagem como presença, a qual move sentidos e ensina modos de estar, de ser, de existir e de vida. Esta perspectiva, cujos procedimentos envolvem a composição entre fragmentos (Zordan, 2009) – livros de uma biblioteca, reproduções de obras de arte, recortes – inaugura uma visada transdisciplinar que rompe com os cânones metodológicos no tratamento das obras de arte e suas incontáveis relações com as imagens. Ao fazer uma analogia com processos de captura e montagem presentes nas dinâmicas de navegação

internética, podemos pensar que a pesquisa, especialmente a de imagens, se assemelha às composições de Warburg.

Em *A pesquisa como fabular de arquivos*, Gabriel Torrelly e Paola Zordan demonstram a função fabuladora de Henri Bergson no tratamento de arquivos e da própria concepção de pesquisa. Exemplos imagéticos, mitológicos e antropológicos mostram como a fabulação aviva os paradoxos da matéria estudada. Seguindo o que Gilles Deleuze trata como “pensamento nômade”, traz a presença da literatura e suas criações, mesmo quando científicas, para mostrar como se criam corpos aos conceitos. Problematisa-se o uso do pensamento de Deleuze e Guattari como sanção libertadora para invenções de pesquisas. Para tanto, uma retomada epistêmica do pesquisar, do pensar e do imaginar contorna a problemática do sentido e dos seus escapes na linguagem, apresentando os conceitos axiais do que constitui a fabulação criadora na filosofia da diferença e suas possibilidades junto aos arquivos de uma pesquisa.

A criação de uma teargrafia por Brenda Gaspar e Alberto Coelho, retoma premissas do método cartográfico com o intuito de tramar-se com as imprevisibilidades que surgem no decorrer dos acontecimentos e dos fatos encontrados numa pesquisa. Os entrelaçamentos propostos implicam no tear, enquanto dispositivo de artesanias, como imagem fabulatória para construção textual. As tramas resultantes de ações sobre teares permitem pensar as relações entre os fios verticais e horizontais das combinações no tecido textual pelos quais as pesquisas se apresentam. O ir e vir, as escolhas dos fios, a densidade dos materiais, as variações entre as linhas, as combinações, tudo resulta na trama, ação junto ao tear.

Não de modo linear, mas dando prosseguimento à discussão sobre diferentes possibilidades de produção do conhecimento para além do modelo clássico de ciência, Dante Augusto Galeffi, em *A criação do educar transdisciplinar: utopias transigentes*, aponta para a concepção de uma nova ciência da complexidade, sendo esta a base da criação de um educar transdisciplinar, o que possibilita pensar metodologias de ação diferenciadas e inovadoras para compreensão dos fenômenos do/no mundo. Ele propõe que, nessa perspectiva, o método se apresenta como atitude ao caminhar, tendo caráter metodológico um trabalho em que o desejo não é deixado de lado em nome de fórmulas gerais de modos de ser. Indica, ainda, a inevitável impossibilidade de se criar fôrmas metodológicas para se plasmar o florescimento de seres humanos instantes, vivos.

A pergunta provocativa do título *Ah, Hermenêutica! A quantas anda sua contribuição para a pesquisa em educação na atualidade?* anuncia o mote do texto, qual seja, abordar a hermenêutica como um campo de estudos com papel predominante na ampliação das pesquisas em Educação e nas Ciências Humanas como um todo, evidenciando possibilidades de atualizações nas criações metodológicas observadas em nossos dias. Maria Roseli G. B. de Sá, também organizadora do presente conjunto, recupera aspectos históricos da tradição hermenêutica, evidenciando já em sua gênese a hibridização entre referências científicas e mitológicas em alusão ao deus Hermes, de quem se supõe tem origem a denominação hermenêutica. Ao final, a pretendida contribuição é questionada a partir de referenciais pós-estruturalistas, ao tempo em que são apontadas possibilidades de criações nas pesquisas em Educação pela vertente da hermenêutica.

Ao possibilitar a compreensão de códigos e signos, a hermenêutica aposta numa política epistêmica que tem a explicação como mote para sistematização de conhecimentos. Entre os dois eixos sobre os quais se agrupam os textos do presente livro, temos uma fecunda problematização entre as dimensões explicativas, clarificadoras, e as expressivas, poéticas. A etimologia da palavra - *inter*, prefixo que deriva de *entre*, enquanto força no meio dos textos (*press*), numa ação sobre um ente (ête) - demonstra que interpretar é sempre uma mediação que traduz, explica, comenta, critica, explana. Porém, sabemos que este ente medianeiro, operador da linguagem, não está isento de trapanças. Por interpretação, ação produtora de sentido, entendemos a arte de representar. Também a ela cabe a adivinhação de signos, as induções de realidade, a atribuição de significados e mesmo julgamentos e avaliações. Na perspectiva da diferença, primeiramente com o Nietzsche e depois com o filósofo francês Deleuze, interpretar é o mesmo que violentar, ajustar, abreviar, omitir, preencher, imaginar, falsear. Trata-se de permitir, na explanação, a “instantaneidade irruptiva do poema” (Aquino; Corazza; Adó, 2018), como acontecimento poético que tensiona a hermenêutica via distorções heurísticas. Assim,

manifestam-se forças não codificadas por nossos circuitos cognitivos adquiridos. Por isso, o pensador pretere a busca de causalidade da poesia em favor de sua ressonância e repercussão, isto é, a capacidade inextricável de a imagem poética fazer-se enraizar naquele que por ela é tocado. Com a poesia, é a própria atividade linguística que se vê abalada, uma vez que os poemas demandam a ultrapassagem de uma contemplação leitora, instaurando, desde logo, uma condição de emergência (Aquino; Corazza; Adó, 2018).

Nessa ultrapassagem, chegamos ao segundo eixo, cujo bloco de textos procura narrar os processos pelos quais pesquisadores constroem diferentes percursos investigativos em Educação. A criação metodológica é tematizada em diferentes frentes teórico-epistemológicas e campos temáticos os quais perpassam tanto a empiria de determinados arquivos de pesquisa como experiências em políticas públicas e sala de aula. Sendo assim, inicia com a pesquisa proposta por Paola Zordan, a fim de deslocar os pressupostos das pesquisa-ação e das pesquisas participantes num outro tipo de relação entre as matérias de ensino, as escolas, as salas de aula e o pesquisar.

Elísio José da Silva Filho, no texto *A pesquisa como obra de Arte* pensa, com estudantes de Ensino Médio, o “branco sobre o branco”. Os quadrados de Kazimir Malevich aparecem para pensarmos as dimensões fenomenológicas da interpretação e os problemas das leituras de imagem. Com vistas a criar uma pesquisa cuja ação efetiva se dá em aulas de Arte, converte as próprias aulas em dispositivos metodológicos. A sala de aula é como uma tela em branco, na qual não é possível se prever o que ali se pintará. Uma nova abordagem metodológica precisa ser esboçada, esta envolve anotações, fóruns nas redes sociais – que se tornam sala de aula – e o próprio “branco” do que se constitui uma aula. Ao criticar as plataformas de pesquisa que se estruturam estritamente nos processos finalísticos e não nas riquezas processuais, o autor mostra como dispositivos de pesquisa vigentes necessitam se libertar dos modelos canônicos e dos edifícios linguísticos. Sugere, com isso, um diálogo com o complexo – o sentir e o criar – para que seja possível o ultrapassar de modelagens

nos fenômenos educativos, os quais jamais poderão ser configurados na existência de uma única possibilidade.

Em *Implicações Pós-estruturais e Criação de Percursos Metodológicos na Pesquisa em Educação e em Políticas de Currículo*, Clívio Pimentel Jr apresenta uma narrativa sobre uma indisciplinada e eclética forma de operar em chave pós-estrutural, referindo-se às criações metodológicas que desenvolveu a partir de seus estudos teórico-discursivos sobre Políticas de Currículo, Formação e Educação Científica. Com isso, aponta algumas questões que considera centrais no pós-estruturalismo para defender que é preciso que elas sejam assumidas, radicalmente, nas pesquisas, sob pena de estarmos correndo o risco de operar com noções potentes e complexas sem abrir mão dos rastros realistas e humanistas historicamente sedimentados nas abordagens qualitativas e quantitativas das pesquisas em Educação. A errância assumida como possibilidade poética cria movimentos textuais que se abrem ao estranhamento da linguagem científica e que escapam aos enunciados filosóficos tradicionais. Além dos já mencionados Deleuze e Guattari, os contágios de autores franceses como Jacques Derrida e Paul Valéry expressam esse plano de pensamento em que as padronizações linguísticas oscilam na intradução poética.

Em dialogia referencial, Neurisângela Maurício e Maria Inez Carvalho com o texto *A pesquisa-formação otobiográfica: [inter]vales metodológicos, serpen(teares) errantes*, transitam riobaldianamente entre vales e serpentes a fim de dialogar de uma outra forma com as questões escolares do sertão baiano. Através de *intervalles metodológicos*, apresentam

a produção do desejo de *serpen(tear)* teórica e empiricamente nas escritas e escutas, nos labirínticos caminhos das produções humanas. A otobiografia de Derrida vem trilhar na vida-formação de professores sertanejos, tomada como geotemporalidade do tema-problema que envolve as professoralidades.

Arquivos vivos – que se desviam da etimologia que define arquivo como algo arcaico, parado, morto – as escritas, anotações, documentos, constituem a matéria empírica que, no corpo de uma pesquisa, compõem coleções de materiais na/para/da investigação e ancoram os pensamentos. Wagner Ferraz e Samuel Edmundo Lopez Bello apresentam no texto *Inventário de pesquisa: procedimento metódico imanente de um corpo-professor* um estudo que, ao movimentar fontes, criou conhecimento e investiu na produção de saberes que não estão na ordem da descoberta de ideias já prontas. Eles fazem um levantamento sobre a produção de inventários com elementos diversos e diferenciados e explicitam como estes podem agenciar escolhas feitas para a composição de movimentos coreográficos dançantes, de fórmulas, de conceitos, de várias linhas que se tornam compositores de uma pesquisa de acordo com o tema, problemática e objetivos em questão. Isso para que, assim, haja possibilidade de compor um plano de pensamento acerca do que se produziu durante esse processo, e dar vazão para seus desdobramentos. Apontam, ainda, uma dimensão formativa deste procedimento metodológico já que o inventário passa a fazer parte da pesquisa, mas, também, pode ser utilizado, em alguns casos, como método em si, entendendo que o caminho traçado por uma pesquisa, ou seja, seu método, trata de ações e realizações e não de um resultado final.

O que, na presente coletânea, se apresenta como multiplicidades de formas de produção dos saberes científicos, é demonstrado no texto de Cilene Nascimento Canda e Andréa Penteado em uma retomada epistemológica que, mais uma vez, mostra como a Arte, não apenas com os supracitados Dewey e Read, mas também com o poeta e filósofo alemão Joahn Friedrich von Schiller, homem de letras do século XVIII, fundamenta diversificações nas pesquisas qualitativas. O texto *Trajetos criativos de uma pedagogia das artes na rua* trata da inserção do pesquisador no campo investigativo. Os procedimentos da pesquisa em artes trazem um acontecimento performático político vivido pelas autoras, no qual a palavra LUTO é expressa em sua ambiguidade de sentidos: a perda e o combate. A não separação entre pesquisadoras, comunidades e estudantes promove partilhas que enriquecem interlocuções. A poética se afirma como matéria de pesquisa e compromisso social, retomando, como forma de luta e resistência, as premissas do reconhecido educador brasileiro Paulo Freire, afirmando que um processo artístico também é um processo pedagógico. O texto contribui com o pensamento de que todo processo envolve, mesmo quando a-metódico, alguma premissa metodológica em que o corpo, especialmente a voz, tem força ativa nos processos. A pesquisa não é neutra e as pesquisadoras se engajam em manifestações que são acontecimentos estéticos.

Nem sempre, porém, o engajamento que luta contra injustiças sociais é militante ou é reconhecido nas posições dicotômicas das orientações partidárias. As vulnerabilidades possuem suas forças. É na busca dessas forças que a pesquisa de Aline (Daka) da Rosa Deorristt, ao tratar de mulheres

amaldiçoadas pela moral de seus contextos, atravessadas por casos de violência, como o da menina degolada pelo amante, cria uma cacografia. O amplo material pesquisado em torno de tipos psicossociais que descrevem uma formação feminina se compõe em blocos de subjetivação, como os das surrealistas, os das beatniks, das vedetes, das punks, que retratam diversos tipos femininos. Aqui, os fragmentos do que seria um corpo de pesquisa são tratados em sua fragmentação imanente, em desenhos que podem se agrupar de diversas maneiras. O desenho efetivamente acompanha a escrita. A discursividade, com a qual nos assentamos academicamente, cai – as subjetivações malditas, caídas, se elaboram enquanto matéria e também método. A imanência entre o “como” pesquisar e “o que” se pesquisa, se afirma. *O método cacográfico e as mulheres caídas* descreve como, atemporalmente, desde o século XIX até os dias de hoje, é possível mostrar de um modo não linear, ainda que com referenciais historiográficos, uma subjetividade feminina que dificilmente se educa.

Pesquisa rizoma - três linhas ou fissuras na vida e obra de Eros Volusia segue a cartografia, método que marca pesquisas brasileiras na virada para o século XXI, para tratar dos registros da vida de uma bailarina do século XX. Claudia Madruga Cunha e Fernanda C. Costa Frazão fazem uma retomada biográfica daquela que vem a se tornar professora, deixando em aberto possíveis questões em torno das trajetórias de uma mulher brasileira. A vida e a obra se fundem. O acontecimento de uma vida é pensado nas bordas da subjetividade que o distende em uma época, em um contexto, mostrando como um corpo se dá em relação ao mundo pelo qual se desloca. A Era

Vargas, o balé e a história da dança são vislumbrados via alguns recortes feitos a partir da vida da dançarina, tornando o passado como algo vivo. O samba na sapatilha de ponta, a relação com as matrizes africanas, o sincretismo, todos estes elementos culminam na miscigenação heterotopológica desta vida, com a qual encerramos a coletânea. Eros, filha de poetas, tem o nome da pulsão que nos motiva a agregar, problematizar e pensar as pesquisas aqui compartilhadas.

O conjunto de textos documenta, ainda que de modo parcial, corpos, práticas e vidas dedicadas à formação, aos fenômenos educativos, ao pesquisar, pensar e ensinar. Ao ensaiarem, descreverem, narrarem e dissertarem sobre estratégias, procedimentos, documentações, apresentando referências e acontecimentos, os autores e autoras apresentam a potência de seus pensares e fazem pesquisa e o quanto cada tema, cada problema, requer uma discussão metodológica específica. Tratam de leituras e seus tensionamentos teóricos, de debates, de eventos, de arquivos, de cursos, de aulas e oficinas assistidas e ministradas, de performances realizadas, de escrituras, anotações esparsas, coleções de imagens, empenhos gráficos que envolvem o desenhar. Ainda que nenhum método nos assegure, metodologias criam linhas pelas quais, com alguma garantia, podemos realizar o que cabe a cada um, tanto em razão, como em emoção, no transe racioemocional das produções caósmicas. Atravessamento expresso nos corpos, nas matérias pesquisadas, tais produções e realizações são capazes de criar aberturas para forças singulares, inventivas, vivenciadas, experimentadas, anotadas, discutidas.

Aprendemos que, como exercício de linguagem e ativação do pensamento, em diversos planos de significação, a criação de metodologias nem sempre é a solução mais fácil. Por vezes, é mais simples seguir uma receita do que inventar um prato. Assumir uma só perspectiva, seguir um método já descrito, explicado, criado, é se complicar menos. Contudo, cada circunstância envolve variáveis únicas, as quais podem tornar a rigidez de uma receita inadequada para a experiência que se almeja com o consumo do alimento. A exigência metódica torna os trabalhos mais precisos, mas pode tolher a riqueza da movimentação e coibir as experimentações mais férteis. No entanto, aceitar os desafios dos estranhamentos de novos conceitos, outros autores, com perspectivas díspares, que nos obriguem a experimentar, não nos isenta de abordagens rigorosas e críticas a todos e quaisquer textos. Os métodos expressam balizas e caminhos, os quais desenham processos. Todavia, embora os métodos sejam, em si, um tipo de conhecimento, não constroem, em si mesmos, conhecimento algum, pois, a priori, são meios para que algo chegue a ser conhecido. Usando palavras advindas da esquizoanálise, uma desterritorialização do método concebe o processo investigativo em suas aberturas, tropeços e errâncias. Dinâmicas interpretativas variadas e a descrição dos procedimentos que envolvem a invenção de métodos próprios conduzem a pesquisa a um compromisso com os referenciais adotados, mesmo quando misturam perspectivas e buscam propositalmente apropriações sincréticas, demandam, assim, um rigor outro (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009). Portanto, para que tais métodos sejam usados sem riscos, para que as misturas pretendidas se tornem potentes, há que se mirar as imagens em jogo.

Não esqueçamos do caleidoscópio e seu giro. Rizoma não faz caleidoscópio, movimento de raiz é uma coisa nada construtiva, pelo contrário, descreve movimentos vegetais invasivos e proliferantes, enquanto o bric-a-brac que se efetiva na presente composição de textos, constrói uma superfície que, necessariamente, não circunscreve o complexo conceito de “território” esquizoanalítico, tampouco a hermenêutica, a estética ou qualquer filamento teórico no qual possamos, por ilusão de segurança, tentar nos filiar. Nessa linha, o que se diz “cartografar” quando se trata de inventariar miríades de vida, documentos, conceitos, é simplesmente recortar, colar, extrair ditos, discutir suas implicações enunciativas, sem se comprometer com análises, interpretações de fontes e metodologias prévias, as quais, quando aqui mencionadas, já foram sincretizadas e mescladas ao que se constitui como trabalho singular de cada um que escreve. Explicar acontecimentos, experiências, processos, movimentos, sejam estes noéticos, estéticos, artísticos, necessariamente, não mostra a amplitude do horizonte junto ao qual se desenrolam. Mesmo que a linguagem jamais possa fechar o que se experimenta, o que se vive, o que nosso corpo processa, é possível circunscrever alguma impressão daquilo que, por necessidade de ser ensinado, queremos mostrar. Por isso, um método funciona como um desenho, traça uma imagem, se faz valer de objetos e de elementos que o pensamento consegue, por analogia, assimilar.

Acompanhando estas questões, apresentamos aqui, métodos e temas em estilos autorais diversificados, como provocações heurísticas, hermenêuticas e poéticas em torno da produção do conhecimento científico. De alguma maneira, ex-

trapolamos a produção intelectual estritamente filosófica para pensar, também, e, principalmente, os diversos espaços formativos que constituem o campo da Educação. Exquízologia, caosgrafia, maneirismos, teargrafia, metainfancionática, caco-grafia, aforismática, nomes que entram e saem, palavras que expressam estratégias de pensamento e visam o levantamento de métodos nunca estratificados e estanques. Ao se veicular novos aportes epistemológicos para as discussões sobre os métodos, com o objetivo de suscitar e socializar referências que possam ser articuladas aos repertórios de cada leitor(a), visamos a incitar atualizações que constituem novas possibilidades de criação de, ainda outras, metodologias de pesquisa.

Considerando uma série de experiências em termos de teses, dissertações e monografias, *Criações e métodos na pesquisa em Educação* se propõe a contribuir com a ampliação do debate em torno de variadas e emergentes maneiras de pesquisar (Zordan, 2014). A variedade de questões inerentes ao campo transversal e ampliado da Educação aponta para o diálogo e a troca intelectual entre múltiplas investigações. Ainda que em parte, faz uma amostragem dos rumos inventivos que a pesquisa em Educação assume em distintas regiões do país: Sul e Nordeste, os textos reunidos para a publicação revelam e ressaltam aspectos diferenciados da pesquisa acadêmica, transitando por diversas temáticas, mas tendo como elemento aglutinador a liberdade intelectual e a singularidade nas trajetórias pedagógicas, científicas e artísticas dos pesquisadores. Tendo como premissa abrir espaços para múltiplas perspectivas, configura-se num conjunto de textos que comportam caminhos que se cruzam e afirmam a travessia dos saberes em

prol da compreensão e expansão de percursos metodológicos nas Ciências Humanas. Parte de uma visão que toma a Metodologia de Pesquisa como campo aberto, o qual permite, com rigor, a criação de novas epistemologias.

Como já exposto, além desta *apresentação*, a obra se organiza, em dois eixos temáticos: *Atravessamentos entre ciência e criações metodológicas* e *Criações do fazer transversal*, que são comunicantes; enquanto o primeiro eixo ressalta a produção de aberturas que tensionam ideais padronizantes e homogeneizadores, trazendo perspectivas de pesquisa que combatem o senso comum limitador de temas e questões que privilegiam as diversidades humanas e ambientais, o segundo eixo apresenta a materialidade de tais tensionamentos através de textos que narram processos pelos quais pesquisadores construíram diferentes percursos investigativos em Educação.

Este livro, ao problematizar e trazer como matéria de pesquisa algumas contradições expressas nas realizações humanas, especificamente, na Ciência, destaca diferentes existências, enfocando potenciais na/da criação de procedimentos de pesquisa em Educação. Discorrendo sobre como o caos, o educar transdisciplinar, a hermenêutica e a Arte são possibilidades fecundas na escrita do que se pesquisa e no que resulta da criação do conhecimento científico, em sua transversalidade, montagens e constituição de outros planos de pensamento, interdisciplinares à Ciência vão tomando forma na criação metodológica que é tematizada desde a discussão da perspectiva pós-estrutural no campo do currículo e da formação docente, transitando pela otobiografia, pela cartografia, pela teargrafia, pela cacografia, pela produção de inventários de pesquisa e por

processos, outros, que impactam processos de subjetivação de corpos no campo da Educação.

O livro provoca pensar a produção acadêmica em seus próprios círculos, mostrando deslocamentos do conhecimento científico e os efeitos dessas criações nos diversos espaços formativos que constituem o campo da Educação e suas metodologias de pesquisa, procurando levantar e veicular novos aportes epistemológicos para as discussões sobre os temas em foco. Ainda com Tania Galli, podemos entender uma obra “como expresso de um corpo, capaz de dar passagem a forças impessoais e singulares” (Fonseca; Thomazoni, 2011, p.524), forças, as quais, intencionamos, no estreito embate com a escrita funcional e científica, sustentar neste conjunto. Com vistas a suscitar e socializar referências que possam ser articuladas aos repertórios de cada leitor(a), pensamos o corpo das pesquisas em suas multiplicidades documentais e possíveis incitações. A intenção é de que estas produções atualizem o que vem a ser as múltiplas possibilidades de criação de novas metodologias de pesquisa e de outras metodologias por vir.

Referências

ALMEIDA, Verônica Domingues. *Poli[AMOR]fia: paisagens da docência*. Tese [Doutorado em Educação], Universidade Federal da Bahia, 2017.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. *Educ. rev.* [on-line]. 2018, vol.34. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982018000100108&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 06 out. 2020.

BECKER, Howard S. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara Org. *Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo, OIKOS, 2020.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*, Editora UNESP, 2011

FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luis Artur; MOEHLECKE, Vilene; NEVES, Jose Mario. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 10, n.1, p. 169-189, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf> Acesso em: 06 out. 2020.

FONSECA, Tania Mara Galli; THOMAZONI; Andresa Ribeiro. Obra de Arte como território de existência. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 3, p. 523-534, Set./Dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000300006 Acesso em: 06 out. 2020.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. 1a Edição. São Paulo: Editora 34, 1998.

HESS, Remi. Prefácio. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.

TORELLY, GABRIEL; ZORDAN, Paola. *Fabulação, sentido e pesquisa*. In: 39^a Reunião Nacional da ANPED, 2019, Rio de Janeiro. Educação Pública e pesquisa: ataques, lutas e resistências, 2019.

ZORDAN, Paola. SOUZA, Anderson Luis de. *Maneira Morai*. In: CORAZZA, Sandra (org.). *Métodos de Transcrição: Pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo: OIKOS, 2020. p. 451-474.

ZORDAN, Paola. *FragmentAÇÕES, dilacerações, diluições*. 18^o Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas: Transversalidades nas Artes Visuais. Salvador, 2009. ISSN 2175-8220.

ZORDAN, Paola. *Por poéticas no ensino de artes*. Revista do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE), v. 1, p. 182-198, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/47450> Acesso em: 06 out. 2020.

ZORDAN, Paola. *Das maneiras de se escrever uma pesquisa*. Revista Digital do LAV, v. 7, p. 1-14, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15109> Acesso em: 06 out. 2020.